



O USO DOS GESTOS EM ESPAÇO ESCOLAR¹

Pâmela do Socorro da Silva Matos²

Eixo: Práticas pedagógicas com alunos público-alvo da Educação Especial
Comunicação Oral

RESUMO

Na relação entre alunos surdos e professores ouvintes, constata-se que em suas práticas pedagógicas os gestos não são apenas complementos da palavra. Trata-se de uma forma de linguagem carreadora de sentido. Este artigo pretende demonstrar isso, analisando gestos necessários para se contar uma história sem o uso da voz. A questão de pesquisa é: quais os gestos necessários para se contar uma história sem o uso da voz? No geral, para responder esta questão foram analisadas as narrativas de dois (2) entrevistados – a partir de um episódio do desenho animado “Tom e Jerry” – sendo um (1) aluno surdo da EJA, e uma (1) professora ouvinte da Unidade de Educação Especializada Professor Astério de Campos (UEESPAC), localizada em Belém do Pará. A pesquisa enquadra-se na abordagem qualitativa e se configura como pesquisa em Análise de dados. As narrativas foram filmadas em câmera de vídeo para registro e transferidas para um notebook para reprodução das histórias visuais, depois transcritas para análise. Analisando os resultados obtidos, constata-se que os gestos são bastantes presentes no narrar dos entrevistados, tanto o aluno surdo quanto o professor ouvinte, sendo que há influência mais forte no uso dos gestos entre as pessoas surdas, pois, o canal usado para comunicação é o visual espacial. Constatou-se que quando os surdos chegam as escolas os professores que convivem com eles no dia-a-dia acabam adquirindo a mesma forma de sinalizar os gestos principalmente quando o professor sabe pouco ou quase nada de Libras, e, de certa forma, os ajudam bastante em suas comunicações gestuais sem barreiras.

Palavras-chave: Gestos. Libras. Alunos surdos. Professores ouvintes.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um recorte de um estudo mais amplo acerca da questão linguística em campo educacional dos alunos surdos. Para sua elaboração, destaco questões relevantes no que tange ao uso dos gestos em sala de aula, bem

¹ O Trabalho é um recorte da dissertação Entre Gestos e Sinais: o contar história sem uso da voz.

² Pedagoga, Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará, Professora da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: pamelaap@gmail.com



como a comunicação do professor nesse contexto. Entretanto, este artigo é uma defesa dos gestos como uma forma de linguagem carreadora de sentido. Pretendo explanar na parte metodológica, as práticas pedagógicas desenvolvidas para junto, analisar os saberes gestuais existentes na comunicação de professores e alunos.

Chomsky (1959) afirma que “o indivíduo humano sempre age de forma criativa no uso da linguagem” (KENEDY, 2008, p. 128). A partir da teoria gerativista tem-se a diferenciação entre Língua e linguagem. Cunha et. al. (2008, p. 15-16) diz que linguagem é mais abrangente: refere-se a qualquer tipo de comunicação, “como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras”. O conceito de língua refere-se a todas as línguas naturais, humanas, como o português, o italiano, o espanhol entre outras, que são “formas de linguagem” (CUNHA et. al., 2008, p. 15-16), pois essas formas são “instrumentos” que facilitam o processo de comunicação entre os falantes de uma dada comunidade.

Saussure (2012) ao destacar um conceito importante como a “Língua e a Fala” ele separa, porém, acredita que língua e fala tem interdependência uma da outra, porém, isso não impede que elas sejam distintas. Ao analisarmos o conceito de Bakhtin a respeito de fala observamos uma pequena diferença, ele afirma que é através da língua que produzimos a fala, elas são, portanto, indissociáveis. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN, 2004, p. 108).

Levando em consideração o pensamento de Bakhtin (2004), defendo que os gestos não são meros complementos da palavra falada. Isso parece ter acontecido em função dos estudos linguísticos terem o posicionamento de que apenas o cérebro e o aparelho fonador sejam o responsável pela língua. Acontece que a linguagem não é restrita a produção física do som. Todo o corpo tem uma parcela de contribuição.

Assim, como em qualquer espaço, podemos observar ocorrências não somente da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, bem como a existência dos gestos entre surdos. Na escola UEES Prof^a Astério de Campos não foi diferente. O espaço compartilhado entre surdos e ouvintes, alunos e funcionários de um modo geral,



evidenciamos que os gestos usados pelos surdos também estavam sendo usados pela professora entrevistada. Isso correu pelo fato provável de que ela ao estar em contato com os alunos surdos adquire essas formas não convencionais para se comunicar melhor com eles. Nesta pesquisa busquei mostrar que os gestos é parte da linguagem humana e de grande importância em nossa comunicação diária, mesmo para aqueles que já tem a L1 no caso dos ouvintes, utilizam a língua oficial de seu país – no caso do Brasil, a Língua Portuguesa - e no caso dos surdos – a Libras, mas ambos possuem em sua capacidade linguística os gestos.

No caso dos surdos, que não adquiriram a Libras como L1, e segundo relatos históricos, estes aprenderam se comunicar por gestos em estágio inicial da aquisição da linguagem, ou obtiveram os gestos como primeira língua – L1. Sabemos que, historicamente existem sujeitos surdos que adquirem a língua gestual como primeira língua – L1.

McNeill (1992) contribui para ampliar essas discussões destacando e categorizando os principais tipos de gestos³ realizados junto com a fala. O autor analisou e categorizou os gestos, usando os seguintes termos: gestos icônicos, gestos dêiticos, gestos rítmicos e gestos metafóricos, entendidos como:

Os **gestos icônicos** têm uma relação muito próxima com a semântica da fala. Eles são gestos que imitam a forma e o movimento dos objetos e pessoas durante a fala.

Os **gestos dêiticos** estão muito presentes na fala tanto na modalidade oral-auditiva quanto na modalidade gestual-visual e são usados para apontar um objeto, pessoa ou lugar, sejam eles concretos (presentes no espaço) ou abstratos, a maioria dessas “apontações são do tipo abstratos” (MCNEILL, 1992, p. 18)

Os **gestos rítmicos** levam esse nome devido a “aparente relação com as batidas do tempo de uma música” (MCNEILL, 1992, p. 15). São gestos usados para marcar o ritmo da narrativa, geralmente com movimentos rápidos e curtos.

Os **gestos metafóricos** o autor diz que eles se parecem muito com os gestos icônicos, porém, “eles estão presentes no contexto imagético e em ideias abstratas.



...] Retrata o conceito concreto de uma metáfora, uma imagem visual e cinésica a qual achamos que se parece com o dado conceito” (MCNEILL, 1992, p. 14).

A partir dos gestos desenvolvidos pelo autor, reconhecemos que, apesar dos gestos desenvolvidos em sua pesquisa ter foco para os falantes (no sentido oral), muitos deles também se aplicam na linguagem manual, que são usados pela comunidade surda, no caso da Libras e dos gestos. Cabe a nós levarmos em consideração que os gestos produzidos em um meio social, dentro da família, escola, trabalho etc., estão sendo descritos por pesquisadores tais como Vilhalva (2009), Vilhalva e Andreis-Witkosk (2014); Adriano (2010); Teixeira e Freitas (2014). Esses autores usam o termo “sinais caseiros” ou “sinais emergentes” para designar aqueles sinais criados – não convencionalizados – dentro de uma comunidade com o objetivo de se comunicar.

Utilizo aqui o termo convencional no seu sentido mais geral de “qualquer prática aceita no uso da língua” (CRYSTAL, 2000, p, 68). Explicando melhor: um termo da Libras é convencional, quando está posto em um dicionário e/ou enciclopédia. Um termo, um gesto, é “não convencional” quando não está posto em um dicionário e/ou enciclopédia. Esse é o caso dos chamados “sinais caseiros” e “sinais emergentes”, aqui tratados.

Os “sinais caseiros” são sinais criados no meio familiar onde há uma criança surda filha de pais ouvintes. Essa situação é comum e nem sempre eles são conhecedores da língua de sinais – tanto pais ouvintes, quanto filhos surdos – e os filhos surdos não conhecem a língua oral de seus pais. Assim a comunicação entre eles por meio de uma língua estruturada não se concretiza, o que acarreta a necessidade de criação de sinais emergenciais para que a comunicação seja estabelecida.

Com isso tentamos compreender o uso dos gestos existentes na interação humana entre ambos em campo educacional.

As principais representações que algumas pessoas da própria comunidade de surdos, intérpretes e até professores que atuam com surdos têm a respeito dos gestos é que estes não tem valor algum, que são transitórios e usados apenas para traduzir a língua oral. Parte dessas representações indica desconhecimento das teorias



linguísticas e educacionais a respeito da língua de sinais. O fato é que algumas pessoas também acham que gestos e sinais não apresentam estrutura alguma, gramática alguma. No entanto neste artigo se analisou os gestos utilizados pelos entrevistados, daí como resultado explicar que os gestos não são uma linguagem inferior á língua.

OBJETIVOS

Transcrever e analisar as narrativas produzidas por um (1) aluno surdo da EJA e uma (1) professora ouvinte a partir de um episódio do desenho animado “Tom e Jerry”.

Nossos objetivos específicos foram: a) classificar os participantes da pesquisa em função de seus gestos: icônicos, dêiticos, rítmicos e metafóricos; b) comparar os gestos que surdos e ouvintes utilizam para contar uma história; e c) Identificar quem usa mais *gestos* para contar uma história.

METODOLOGIA

Um importante aspecto metodológico desta pesquisa é a realização das filmagens individualmente. Neste trabalho, foram convidados apenas dois participantes: um aluno surdo e uma professora ouvinte da Unidade de Educação Especial “Astério de Campos” – UEESPAC – para narrar uma mesma história visual.

O presente artigo compõe-se dos seguintes procedimentos metodológicos:

a) No primeiro procedimento de pesquisa, apresenta-se o termo de Livre Consentimento e Esclarecido a cada participante da pesquisa. No termo consta que ocorrerá uma entrevista e a seguir a coleta de dados por meio do contar uma história. O participante, caso concorde com o termo, assina.

b) No segundo procedimento de pesquisa, ocorre uma entrevista com os participantes, que será uma espécie de atividade de descontração: o pesquisador buscará eliciar dos entrevistados relatos pessoal, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da Libras, seu grau de escolaridade,



sua participação na vida da comunidade surda local, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular e suas aspirações pessoais e profissionais;

c) no terceiro procedimento, mostramos um vídeo ao participante da pesquisa. O participante diz o que observa no vídeo, depois de assistir uma, duas ou até três vezes. Ele vai contar o episódio para a pesquisadora que também é enquadrada no vídeo. O objetivo aqui é obter a identificação dos sinais utilizados pelos participantes e as primeiras amostras descritivas e narrativas dos gestos, necessários para narrar uma história.

O vídeo escolhido como referência foi o vídeo de um dos episódios do desenho animado “Tom e Jerry”, dirigido por Joseph Barbera e Spike Brandt para a *Warner Bros. Animation*. Abaixo veremos a transcrição do vídeo, todas as cenas e as situações ocorridas nele por meio de uma áudio-descrição:

Vídeo: Tom e Jerry (desenho animado) este filme utiliza técnica de animação de recorte e computação gráfica em 2D, as cores são alegres e os personagens são caricatos.

A tela se abre e em meio à paisagem de uma casinha de madeira marrom, um gato cinza usando chapéu de boiadeiro branco e um lenço vermelho no pescoço, anda cuidadosamente em direção a toca do rato, deixando um pedaço de queijo amarrado a uma ponta de um fio. Em seguida sai correndo, espreitando-se atrás de um caixote de madeira que possui uma arma amarrada a outra ponta do fio, criando uma armadilha.

Um rato marrom usando um chapéu de boiadeiro preto e um lenço amarelo no pescoço, surge à porta entreaberta, espreitando o ambiente. Olha para o lado direito e vê um homem dormindo numa cadeira, com os pés sobre um banco de madeira e a mão direita sobreposta numa mesa de cor verde ao lado de dois pratos, um com pães de forma e outro com nabos.

O rato sobe na mesa, coloca a mão do homem sobre os pães, tipo sanduiche, enfeita com dois nabos e sai correndo em direção a um triangulo na janela, o qual ele bate com uma colher, fazendo barulho.

O gato ouve o som e sai correndo alegremente em direção à mesa, pegando o sanduiche, mordendo-o.

O homem dá um pulo e o gato cai no chão olhando para cima.

Em meio a paisagem rural, balas surgem do interior da casinha, o gato sai correndo amedrontado para fora, com as mãos segurando o chapéu. À frente de uma casa de madeira



vermelha com porta branca, encontra uma árvore escondendo-se atrás dela. À direita do gato um balde com água.

O gato mostra a língua provocando o homem em seguida pega água no balde e bebe, a água vaza pelo corpo. O gato olha para sua barriga assustado. Depois o gato olha furioso em direção a casa marrom de onde sai o rato com um pão francês na mão.

O rato percebe o gato e sai correndo. À direita uma cerca de madeira, atrás um cercado contendo o gado.

O rato segurando o pão sobre num banco de madeira, atrás do banco uma cerca de proteção onde há dentro um touro marrom.

O rato coloca o pão sobre o banco; entre o pão, coloca o rabo do touro e sai correndo.

O gato encontra o pão, morde-o animadamente.

O touro dá um pulo e sai correndo, atravessando o gato por entre a cerca.

O touro para furioso. Olha para o gato e empurra-o para longe. O gato sai voando.

Uma parede de madeira a frente, um banco à esquerda. Sobre o banco um balde de ferro. O gato bate na parede e cai sobre o banco. O balde cai na cabeça do gato e fica em formato de chapéu para bebê.

Para contar a história sem o uso da voz o narrador tem que se transportar para dentro da história, com incorporação de personagens, tendo que seguir uma linha de raciocínio originalmente proposta pelo vídeo, com marcas temporais de início, meio e fim da história.

d) no quarto procedimento, a pesquisadora que até este momento acompanhou o desempenho dos participantes na entrevista, irá intervir e perguntar algum fato ou cena que aconteceu no filme. O objetivo aqui é gerar uma possível discussão por conta das cenas não-narradas, interpretadas, o uso de um gesto pelos narradores. Então esses gestos serão analisados e incorporados aos dados para análise.

e) no quinto procedimento, foram realizadas as transcrições das narrativas dos dois participantes.

Vale ressaltar que para a realização da filmagem foi usada uma câmera digital de marca *Handycam HDR-CX 240* de 9,2 mega pixels da *Sony*, para registro e transferido para um notebook para reprodução das histórias visuais, e assim transcrita para análise.



RESULTADOS

Neste item, vamos sumarizar os resultados desta pesquisa e retomar os objetivos e questões de pesquisa que foram alcançados e respondidos.

O objetivo estabelecido para este trabalho foi o de analisar os gestos necessários para se contar uma história sem o uso da voz. Analisamos os gestos produzidos por um (1) alunos surdos da EJA e uma (1) professora ouvintes a partir de um episódio do desenho animado “Tom e Jerry”.

Nossos objetivos específicos foram: a) classificar os participantes da pesquisa em função de seus gestos: icônicos, dêiticos, rítmicos e metafóricos; b) identificar quem mais utilizou gestos para contar uma história.

Para alcançar esses resultados foi preciso levantar as questões que destacassem o uso de gestos por parte do aluno surdo e professor ouvinte. Algumas perguntas podem ser feitas: qual a relação entre gestos – também chamados de sinais caseiros ou sinais emergentes – e a língua de sinais convencional – a Libras – no contexto da surdez? O que foi identificado nas histórias contadas por surdos e ouvintes da UEES “Astério de Campos”? Como os gestos acionados durante a narração de surdos e ouvintes foram categorizados? Quem mais usou os gestos durante a narração? O aluno Surdos ou a professora ouvinte? As respostas encontradas a essas questões são os resultados desta pesquisa.

Intuitivamente a intenção também era de trabalhar com o desenho animado e com a narrativa visual para ser traduzida para a Língua de Sinais. Isso proporcionou verificar os saberes que professores ouvintes e alunos surdos têm da Libras e dos gestos.

Os resultados indicam que os gestos estão presentes na sua comunicação assim como na da professora, muitos desses gestos não convencionais que usamos no dia-a-dia, tais como o gesto de fazer silêncio que estão presentes em símbolos nos hospitais, casas de repouso e maternidades dentre outros, são naturalmente usados pelo aluno, pois, ele está em contato com o meio social e para interagir com esse meio, estas pessoas acabam internalizando os gestos de maneira natural . Podemos



dizer que no processo de aprendizagem do usuário de uma língua oral para uma língua de sinais, alguns gestos comuns dessa primeira acabam incorporando-se à língua de sinais convencionalizada. Basicamente os resultados foram:

1) A riqueza dos gestos foi constatada tanto por parte do aluno surdo quanto das professoras ouvinte.

2) O aluno surdo foi o que mais produziu gestos, sendo que sua gesticulação não alcançou a narrativa completa da história do vídeo: ele não seguiu uma ordem cronológica dos fatos, repetindo algumas cenas. Isso pode ser atribuído a múltipla deficiência que apresenta – surdez e deficiência intelectual –, conforme anotado na sua ficha de matrícula.

3) A prof^a ouvinte foi a que produziu mais sinais convencionalizados. Estes sinais estão postos em dicionários e enciclopédias.

4) A Professora ouvinte usou muito português sinalizado quando da narração da história. Percebemos que a cultura linguística e a questão do português sinalizado ficaram evidente, apesar de ter usado bastante gestos.

O uso do português sinalizado é comum entre os ouvintes, uma vez que tendem a usar a estrutura da língua portuguesa e o vocabulário da Libras. Isso também pode ocorrer em decorrência da quantidade de vocabulário da Libras ser limitado, o que certamente gera a realização do português sinalizado

5) A professora usava os mesmos gestos que o aluno surdo. Esses gestos são usados na comunicação em sala de aula – quando a professora aprende com os alunos. Esta informação é reveladora e indica que, assim como ela, muitos professores estão aprendendo a forma de falar dos alunos, embora esta forma de falar possa não ter prestígio. Este parece ser um fator importante o qual deduzimos na pesquisa: identificamos que quando os surdos chegam à escola apresentam muitos gestos ou sinais caseiros. Os professores que convivem com eles no dia-a-dia acaba adquirindo a forma de “sinalizar” parecida com a desses alunos, principalmente quando o professor sabe pouco ou quase nada de Libras. Então, eles se adaptam a essa forma de comunicar absorvendo muitos gestos realizados que são trazidos pelos alunos do seu convívio com a família e amigos da comunidade próxima a sua



residência, para que eles consigam compreender os conteúdos passados a eles em sala de aula.

Por isso, com as narrativas e as transcrições realizadas no ELAN, durante as entrevistas e durante as narrativas vimos que os gestos realizados pelo aluno surdo também eram realizados pela professora ouvintes em algumas ocasiões. É obvio que os gestos mais semelhantes são os icônicos e os dêiticos.

6) O aluno surdo apresentou maior incidência de gestos do que a professora ouvinte, durante as narrações. Entretanto, os dois realizaram gestos justificando mais uma vez que professores estão assimilando os gestos feitos pelos alunos.

A escola, na intenção de ensinar prioritariamente a modalidade escrita da língua portuguesa, no interesse de oportunizar competência linguística para o surdo de escrever, compreender e interpretar textos parece desconsiderar esse falar “mais natural” do surdo, os gestos, os chamados sinais caseiros, os sinais emergentes.

A partir dessa ideia, afirmo que os gestos se encontram presente nos seres humanos, independente de sua deficiência ou condição física.

Neste artigo busquei mostrar que os gestos é parte da linguagem humana e de grande importância em nossa comunicação diária, mesmo para aqueles que já tem a L1 no caso dos ouvintes, utilizam a língua oficial de seu país – no caso do Brasil, a Língua Portuguesa - e no caso dos surdos – a Libras, mas ambos possuem em sua capacidade linguística os gestos.

No caso dos surdos, que não adquiriram a Libras como L1, e segundo relatos históricos, estes aprenderam se comunicar por gestos em estágio inicial da aquisição da linguagem, ou obtiveram os gestos como primeira língua – L1. Sabemos que, historicamente existem sujeitos surdos que adquirem a língua gestual como primeira língua – L1.

Com isso tentamos compreender o uso dos gestos existentes na interação humana entre ambos.

As principais representações que algumas pessoas da própria comunidade de surdos, intérpretes e até professores que atuam com surdos têm a respeito dos gestos é que estes não tem valor algum, que são transitórios e usados apenas para traduzir a língua oral. Parte dessas representações indica desconhecimento das teorias



linguísticas e educacionais a respeito da língua de sinais. O fato é que algumas pessoas também acham que gestos e sinais não apresentam estrutura alguma, gramática alguma. No entanto firmo que para obtenção desses resultados, se analisou, categorizou, classificou, quantificou e comparou os gestos utilizados pelos entrevistados, daí como resultado explicar que os gestos não são uma linguagem inferior à língua.

Verifica-se que gestos estão presentes na linguagem humana e acontece naturalmente. Com os resultados obtidos nesta pesquisa, conclui-se que há influência mais forte no uso dos gestos entre as pessoas surdas, pois, o canal usado para comunicação destes é o visual-espacial. Por conta disso, é mais comum ter encontrado nas ocorrências gestuais um maior número na comunicação gestual entre os surdos do que na comunicação entre os ouvintes.

Trato de esclarecer novamente que o uso do gesto não é exclusivo do surdo, pois os gestos fazem parte da língua, eles estão presentes nas línguas orais e línguas de sinais.

Dessa maneira conclui-se que os gestos é uma forma de linguagem sim, nem superior nem inferior a língua. Porém, aquelas pessoas surdas que são privadas de uma língua, nesse caso a Libras, elas não estão privadas da comunicação. O surdo entrevistado matriculado na UEESPAC não nasceu na capital, era residente da zona rural, assim como ele, outros alunos no qual compõem o quadro da escola também residiram em cidades pequenas onde não lhes foram ofertadas ensino que atenda às suas necessidades educativas e principalmente linguística, no caso da Libras. Deste modo, vieram para Belém a fins de aprimorar seus estudos, e mesmo que tenham entrado em contato com a Libras e aprendido essa língua, os gestos continuaram presentes na sua forma de comunicar.

A partir desse fato, conclui que os gestos se tornaram a sua primeira “língua”, pois eles já haviam adquirido essa forma de comunicação inicial, eles cresceram acostumados a se comunicar com gestos. Não existia um grupo que usava esses gestos na sua comunicação, muitos deles foram criados pelo próprio surdo, com o intuito de se comunicar, por meio da percepção visual, da característica dos lugares, dos objetos e das pessoas a sua volta.



Assim como na fala oral, a fala na língua de sinais tem modulações e as entonações diferenciam de acordo com o discurso. Estão presentes desde a infância no período pré-linguístico e mesmo depois da aquisição da linguagem esses ainda continuam a ser produzidos tanto por surdos, quanto por ouvintes.

Lembrando que os usuários das línguas de sinais sempre utilizam os recursos gestuais para transmitir uma ideia que de imediato parece não ter outro meio para a expressar. Assim, observa-se que alguns conceitos gestuais estão interligados quando falamos de sinais não convencionais. Por meio disso, ressalto que a linguagem humana implica a internalização da natureza de perceber e comunicar-se utilizando os sentidos da visão, audição e tato, pois a linguagem não é limitada, é geral capaz de ir além da produção articulatória de sons.

Isso nos faz admitir que os professores tanto de escolas para surdos quanto os de escolas regulares inclusivas podem trabalhar com uma metodologia em que os gestos estejam presentes, para ajudar os surdos a apreender os conceitos e assim a possibilidade de aprendizagem aumenta.

Podemos chamar esse método de pedagogia visual, pois ela trabalha a imagem do corpo. Lacerda et. al. (2014) ao explicar sobre a pedagogia visual defende que “para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda potencialidade visual que essa língua tem.” (LACERDA et. al. 2014, P. 186) Essa potencialidade visual que a língua tem, acreditamos, considera a gestualidade, todas as formas icônicas que podemos fazer ao usar o corpo para esse fim.

Por fim, neste artigo esperamos que a comunidade científica que atua na área da educação de surdos valorize os gestos como meio de comunicação da pessoa surda, que ao chegarem nas escolas essa forma de linguagem seja aproveitada para o ensino dos conteúdos curriculares desses alunos. Para que não haja a desistência no meio do caminho por não entenderem o motivo de estarem se ausentando da escola.



REFERÊNCIAS

ADRIANO, N. A. **Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos**. [Dissertação] Florianópolis, SC, 2010. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103258>>. Acesso em: 12 set. 2016.

AMARAL, W.M. **Sistema de Transcrição da Língua Brasileira de Sinais voltado á produção de conteúdo sinalizado por avatares 3D**. Campinas: [S.n.], 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000881689>>. Acesso em: 12 set. 2016.

ANDRADE, M.; AMORIN, V. Grupo focal: A pesquisa com foco na interação dos sujeitos. In: MARCONDES, M. I., TEIXEIRA, E.; OLIVEIRA, I. A. (orgs). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BENTES, J. A. O.; HAYASHI, M. C. P. I. **Normalidade e disnormalidade: formas do trabalho docente na educação de surdos**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/96150/decreto-5626-05>>. Acesso em 03 set. 2016.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**, Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>>, Acesso em 03 set. 2016.

CORREA, R. **A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos**. Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis - SC, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89581>>. Acesso em: 12 set. 2016.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org). **Manual de linguística**. São Paulo: contexto, 2008.

CAPOVILLA et, al. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado trilingue: Novo deit-Libras**. 3º edição São Paulo, EDUSP, 2013.



FARIA, S.P. Metáfora na LSB: Debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz? Educação **Temática. Digital.** v.7, n. 2, p.179-182, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/802/817>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto:** Curso Básico. Manual do estudante/cursista: Brasília: MEC/SEESP, 2001a.

FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto:** Curso Básico. Manual do professor/instrutor. Brasília: MEC/SEESP. 2001b.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Processos de criação e de estabilização lexical em Línguas de sinais (ls) dentro de uma abordagem Semiogenética.** Université Paris 8 – UMR/CNRS 7023. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B9K71muh37UgVEYxVm9SN21nLW8/view>>. Acesso em: 12 set. 2016.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GUIRAUD, P. **A linguagem do corpo.** São Paulo: Ática, 1991.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org). **Manual de linguística.** São Paulo: contexto, 2008.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; CAETANO, J. F.. Estratégias Metodológicas para ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. (Org.) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Paulo:, EDUFSCAR, 2014. p. 185-200.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras: EDUC, 2002.

LEITE, T. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras):** Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese de doutorado. USP. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-25092008-160005/pt-br.php>> . Acesso em: 12 set. 2016.

LIMA, K. S. C.. **Educação de surdos no contexto amazônico:** um estudo da variação linguística na Libras. Belém: [s.n.], 2009.



LYONS, John. **Língua(gem) e Linguística**: uma introdução. Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 1981 por Cambridge University Press, Inglaterra. LTC – Livros técnicos e científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1987.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. In: **Veredas On Line**. Atemática. 1/2011, P. 289-304 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – Juiz de Fora.. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>> - Acessado em 28 Ago. 2015.

MCNEILL, D. **Hand and Mind**: What gestures reveal about thought. University of Chicago, Cambridge University Press. 1992. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=3ZZAfNumLvwC&pg=PR3&lpg=PP1&focus=viewport&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 12 set. 2016.

MIRANDA, J. P. V. **Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?**. Dissertação de mestrado, UNB – Universidade de Brasília, 2014. Disponível em < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/16933>>. Acesso em: 12 set. 2016.

PERLES, J. B. **Comunicação**: Conceitos, fundamentos e história. 2007 Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>. Acesso em: fev. 2016.

PIMENTA, N. **Coleção "Aprendendo LSB"** volume I Básico, Rio de Janeiro, 2000.

PIMENTA, N. QUADROS, R. M. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre, Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio a edição brasileira de : Isaac Nicolau Salum. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. - 28 ed. – São Paulo – Cultrix, 2012.

TEIXEIRA, E. R.; FREITAS, I. C. **Sinais caseiros**: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de Libras e português escrito como L2. 2014. Disponível em <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiel/wp-content/uploads/2014/11/535.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.



UESPAC Projeto Político-Pedagógico da UEES Prof. Astério De Campos. Belém, 2011 (documento digitalizado).

VEZALI, P. **O corpo: considerações a cerca da relação entre fala e gesto.** Revista do LUME. Núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais – Unicamp – n. 1 set. 2012. Disponível em: <<http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/115/116>> - Acessado em 15 Set. 2015.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes:** um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis, SC, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92972>>. Acesso em: 12 set. 2016.

VILHALVA, S.; ANDREIS-WITKOSKI. A educação do índio surdo brasileiro: implicações linguísticas. In: ANDREIS-WITKOSKI, S.; FILIETAZ M. R. P. (org.). **Educação de surdos em debate.** 1ª. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2014.